

EVOLUÇÃO RETÓRICA DOS DISCURSOS PRESIDENCIAIS BRASILEIROS: ANÁLISE DE TERMOS, LEGIBILIDADE E DIVERSIDADE LEXICAL (1985-2022)

RHETORICAL EVOLUTION OF BRAZILIAN PRESIDENTIAL SPEECHES: ANALYSIS OF TERMS, LEGIBILITY, AND LEXICAL DIVERSITY (1985-2022)

EVOLUCIÓN RETÓRICA DE LOS DISCURSOS PRESIDENCIALES BRASILEÑOS: ANÁLISIS DE TÉRMINOS, LEGIBILIDAD Y DIVERSIDAD LÉXICA (1985-2022)

 <https://doi.org/10.56238/arev7n7-307>

Data de submissão: 24/06/2025

Data de publicação: 24/07/2025

Vander Emiro Muniz

Mestrando em Comunicação Digital

Instituição: Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP)

E-mail: vanderem@uol.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-6726-4814>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6342780817015125>

Ébida Rosa dos Santos

Pós-doutoranda em Comunicação

Instituição: Universidade Federal Fluminense (UFF)

E-mail: ebida.santos@idp.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7588-5822>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8684904231299764>

RESUMO

Este trabalho analisa a evolução da retórica dos discursos presidenciais brasileiros entre 1985 e 2022, período marcado por transformações políticas, sociais e tecnológicas no Brasil. Foram examinados 6.069 discursos extraídos da Biblioteca da Presidência da República e do repositório Kaggle, utilizando métricas de legibilidade (média de palavras por frase) e diversidade lexical (TTR - *Type-Token Ratio*). A análise revela uma tendência de simplificação retórica ao longo das décadas, particularmente a partir do governo Luiz Inácio Lula da Silva, com discursos mais curtos e acessíveis. Apesar disso, a diversidade lexical permaneceu alta, sugerindo que os presidentes continuaram abordando uma ampla gama de temas, equilibrando simplicidade estrutural e profundidade temática. Os resultados destacam como os discursos presidenciais se adaptaram às demandas de um ambiente político e midiático em rápida transformação, influenciado pela ascensão das redes sociais e pela fragmentação da atenção pública. Os resultados demonstram como a retórica presidencial, em quase quatro décadas, reflete tanto as condições sociopolíticas do país quanto as estratégias de líderes para consolidar legitimidade e apoio popular.

Palavras-chave: Retórica. Legibilidade. Diversidade Lexical. Comunicação Política. Discursos Presidenciais.

ABSTRACT

This study analyzes the evolution of the rhetoric of Brazilian presidential speeches from 1985 to 2022—a period marked by significant political, social, and technological transformations in Brazil. A total of 6,069 speeches, drawn from the Library of the Presidency of the Republic and a Kaggle

repository, were examined using readability metrics (average number of words per sentence) and lexical diversity (TTR – Type-Token Ratio). The analysis reveals a trend toward rhetorical simplification over the decades, particularly from the administration of Luiz Inácio Lula da Silva onward, with shorter, more accessible speeches. Nonetheless, lexical diversity remained high, indicating that presidents continued to address a broad range of topics, balancing structural simplicity with thematic depth. These findings highlight how presidential discourse has adapted to the demands of a rapidly changing political and media environment, shaped by the rise of social networks and the fragmentation of public attention. They demonstrate that, over nearly four decades, presidential rhetoric reflects both the country's sociopolitical conditions and the strategies leaders employ to consolidate legitimacy and popular support.

Keywords: Rhetoric. Readability. Lexical Diversity. Political Communication. Presidential Speeches.

RESUMEN

Este estudio analiza la evolución de la retórica de los discursos presidenciales brasileños entre 1985 y 2022, un período marcado por transformaciones políticas, sociales y tecnológicas en Brasil. Se examinaron 6.069 discursos extraídos de la Biblioteca de la Presidencia de la República y de un repositorio de Kaggle, utilizando métricas de legibilidad (promedio de palabras por frase) y diversidad léxica (TTR – Type-Token Ratio). El análisis revela una tendencia hacia la simplificación retórica a lo largo de las décadas, particularmente a partir del gobierno de Luiz Inácio Lula da Silva, con discursos más breves y accesibles. No obstante, la diversidad léxica se mantuvo alta, lo que sugiere que los presidentes continuaron abordando una amplia gama de temas, equilibrando la simplicidad estructural con la profundidad temática. Los resultados ponen de relieve cómo los discursos presidenciales se han adaptado a las exigencias de un entorno político y mediático en rápida transformación, influenciado por el auge de las redes sociales y la fragmentación de la atención pública. Estos hallazgos demuestran que, a lo largo de casi cuatro décadas, la retórica presidencial refleja tanto las condiciones sociopolíticas del país como las estrategias de los líderes para consolidar legitimidad y apoyo popular.

Palabras clave: Retórica. Legibilidad. Diversidad Léxica. Comunicación Política; Discursos Presidenciales.

1 INTRODUÇÃO

A retórica, desde a Grécia Antiga, tem sido estudada como a arte de persuadir e influenciar por meio da linguagem. Aristóteles (2011) define a retórica como “a faculdade de observar, em cada caso, os meios de persuasão disponíveis”, ressaltando seu caráter técnico e estratégico. Em contextos contemporâneos, a retórica política é compreendida como um conjunto de recursos discursivos que líderes utilizam para moldar percepções, consolidar poder e influenciar a opinião pública (Bitzer, 1992; Guo, 2019; Windt, 1990; Zhu, 2024; Ziskin, 2019). Este trabalho adota a perspectiva de que a retórica é um elemento continuamente presente e importante para as mensagens políticas presidenciais, ajudando a modelar a arena pública ao enfatizar ou suprimir temas, construir imagens e influenciar decisões, de acordo com os interesses de cada político. Isso a configura como um instrumento estratégico na dinâmica política (Martin, 2022).

Os registros históricos mostram líderes políticos utilizando a retórica para mobilizar apoio e influenciar decisões por séculos, desde a Antiguidade Clássica “até Kate Sheppard, Franklin Roosevelt, Winston Churchill, Martin Luther King, Margaret Thatcher, Nelson Mandela, no Séc. XX ou Barack Obama, no séc. XXI” (MATEUS, 2018, p. 15). Obviamente a Retórica Clássica e a Contemporânea guardam diferenças, sobretudo influenciadas pelos meios de comunicação de massa, que trouxeram mais velocidade e alcance para a disseminação de mensagens (Mateus, 2018). Nesse sentido, por ser uma atividade essencialmente comunicativa, a retórica adotada nos discursos presidenciais se converte em elemento estratégico de comunicação política que sobrepõe a simples ideia de transmissão de informações e guarda em si o objetivo de persuadir, mobilizar e legitimar políticas e decisões públicas (ARISTÓTELES, 2011; BITZER, 1992, MARTIN, 2022). Em uma sociedade cada vez mais midiatisada e desintermediada, esses discursos tornam-se essenciais para a construção da imagem pública dos presidentes. São eles, em grande parte, que moldam a narrativa política, influenciam o debate público e norteiam as temáticas chaves do governo.

O conceito de discurso, explorado nos estudos linguísticos e políticos, pode ser compreendido como um conjunto estruturado de enunciados que comunicam uma mensagem e exercem influência sobre a realidade social e política (Foucault, 1971). Na comunicação política, o discurso presidencial é caracterizado como uma manifestação institucionalizada, que reflete as intenções do governante e a identidade do governo em relação à sociedade (Van Dijk, 1997). Como argumenta Fairclough (2003) o discurso político não é neutro, ele desempenha um papel ativo na produção e reprodução de relações de poder.

Assim, os discursos presidenciais são essenciais para a projeção da agenda política e para as dinâmicas de poder. Como apontam Miguel e Biroli “é ele que estabelece as relações entre líderes e

liderados; é o acesso ao discurso, a capacidade de falar em nome de outros, que torna alguém representante - ou seja, *porta voz* – de um grupo” (2017, p. 147). O encontro do discurso político com o cidadão comum é também o encontro do político com um público que desconhece assuntos e questões de governo, para o qual o político deve traduzir informações complexas. Entretanto, esse nem sempre é o objetivo, já que o discurso político pode ilustrar não apenas o desejo do agente político de ser compreendido, mas também signos de riqueza e autoridade. Esses signos podem se caracterizar como discursos propositalmente não acessíveis e parcialmente incompreensíveis pelo público, desempenhando a função de um marcador de separação entre quem faz política e quem é espectador (Biroli; Miguel, 2017).

De modo geral, por meio de uma seleção cuidadosa de temas e narrativas, presidentes buscam destacar suas prioridades, legitimar suas políticas e moldar o discurso público (Tulis, 1987). Estes discursos não são apenas um relatório de eventos ou meras comunicações de políticas públicas, mas ferramentas utilizadas para “gerar” a realidade, com o intuito de ganhar apoio e direcionar as mídias e a sociedade (Zarefsky, 2004). Formular uma posição apelativa para muitas pessoas e ser capaz de harmonizar desejos e perspectivas conflitantes é, como destaca Minogue (1998), uma função representativa do político: “um político hábil parece um mágico em sua capacidade de mostrar um objeto a um público e mantê-lo invisível para outro, às vezes no mesmo auditório” (2015, p. 84).

Isso só é possível por meio da conexão com o público ouvinte. Em uma democracia, a habilidade dos presidentes de se comunicar com a população é essencial para manter a legitimidade e assegurar o apoio do eleitorado, não se restringindo apenas às negociações e discursos internos, feitos com os poderes legislativos, por exemplo (Kernell, 1987). A retórica permite que os presidentes criem uma ponte emocional com os cidadãos, transmitindo uma sensação de proximidade e empatia em relação às preocupações do público. Discursos que empregam uma linguagem simples e acessível ganham maior adesão populacional, permitindo que o presidente seja visto como um líder comprehensível e próximo. Mensagens empáticas e diretas aumentam a eficácia persuasiva, especialmente em ambientes polarizados, ajudando a reduzir animosidades e promovendo maior abertura ao diálogo (Cohen, 1997; Renstrom; Ottati, 2020; Santos et al., 2022).

Em períodos de crise, especialmente, essa adesão pode ser essencial para garantir a estabilidade social e manter a confiança no governo (Murphy, 2003).

No Brasil cada fase histórica influenciou de forma particular a retórica presidencial. O período pós-1985 é caracterizado por intensas reconfigurações políticas, econômicas e sociais, desde o processo de redemocratização até as crises contemporâneas, como os *impeachments* presidenciais e a pandemia de covid-19. Essas fases refletem as prioridades políticas e demandas sociais específicas.

Por exemplo, enquanto os governos de José Sarney e Fernando Collor buscavam consolidar a transição democrática e promover reformas estruturais, a retórica dos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff destacam temas como inclusão social e projeção internacional, adaptando-se a públicos mais amplos e heterogêneos.

Além das transformações políticas, a influência das mídias digitais no Brasil ampliou o alcance e a fragmentação dos discursos presidenciais. Esse ambiente midiático, caracterizado pela proliferação de redes sociais e pelo declínio das barreiras entre líderes e eleitores, demandou uma retórica mais simplificada. Este ecossistema digital criou condições para um diálogo orientado por dados, no qual discursos são altamente personalizados, emocionalmente carregados e ajustados, em tempo real, às reações das audiências, consolidando estratégias eficazes de mobilização (Enli, 2017; Guerrero-Solé et al., 2020; Ott, 2017; Sorensen, 2024).

Apesar da relevância desse fenômeno, a literatura acadêmica ainda oferece análises limitadas sobre os impactos dessas mudanças no cenário brasileiro. Enquanto estudos como os de Kernell (1987) e Tulis (1987) exploram aspectos gerais da comunicação presidencial em contextos norte-americanos, há uma lacuna no entendimento das especificidades dos discursos presidenciais no Brasil, particularmente em relação às transformações sociopolíticas e midiáticas. Além disso, poucos trabalhos combinam abordagens quantitativas, como métricas de legibilidade e diversidade lexical, com interpretações teóricas, deixando espaço para novas contribuições.

É assim que, neste artigo, investigamos como a retórica dos presidentes brasileiros evoluiu entre 1985 e 2022, um período marcado por intensas transformações políticas e tecnológicas. Analisamos a complexidade retórica, expressa pela média de palavras por frase, e a diversidade lexical, medida pelo índice TTR (*Type-Token Ratio*), de mais de seis mil discursos, observando padrões longitudinais e variações entre os diferentes mandatos. A pergunta norteadora é como a retórica dos presidentes brasileiros evoluiu em termos de complexidade e diversidade lexical ao longo das últimas décadas, e de que forma essas mudanças refletem transformações políticas e midiáticas no país? Nossa hipótese inicial, complementar à pergunta é que a complexidade retórica dos discursos presidenciais apresenta uma tendência de redução a partir dos anos 2000, refletindo o impacto de transformações na ecologia midiática e na busca por comunicação direta com públicos amplos.

Ao analisar a evolução dos discursos presidenciais brasileiros neste período e explorar como os presidentes brasileiros ajustaram suas estratégias comunicativas em um ambiente político e midiático em grande evolução esse estudo busca contribuir para a compreensão do papel do discurso presidencial na consolidação da democracia e na mobilização social no Brasil contemporâneo. Como disse Ivan Colangelo Salomão:

O estudo do discurso de autoridades públicas muito tem a oferecer além da retórica eleitoreira. Os discursos presidenciais, em especial, revelam – ora de modo explícito, ora de forma escamoteada, a depender do palco e do público em que são proferidos – intenções e compromissos que permitem ao analista problematizar as ações do governo sob o ponto de vista da intencionalidade. Além disso, cria sentidos e conceitos abstratos fundamentais para a compreensão da realidade. (Salomão, 2021, p. 303)

1.1 A RETÓRICA PRESIDENCIAL NAS DEMOCRACIAS CONTEMPORÂNEAS

A transição de duas décadas de ditadura militar no Brasil para um regime democrático marca também uma nova era para os discursos políticos de modo geral e, consequentemente, os presidenciais. A liberdade de expressão política, antes restrita e controlada pela censura e pela repressão, passa agora a ser um instrumento de articulação social de lideranças, de discussão de políticas públicas e de substituição da imposição de decisões pelo diálogo com a população.

A partir desse momento, a qualidade da retórica dos discursos presidenciais volta a desempenhar no Brasil o papel importante que tem nas democracias desde o passado até a contemporaneidade (Mateus, 2018). Isso não significa, contraditoriamente, que os discursos sejam sempre democráticos. Eles podem ser direcionados tanto para fortalecer quanto para minar os espaços democráticos que seriam idealmente livres, igualitários e participativos.

Por ser um país com um sistema político fragmentado e crises institucionais recorrentes, no Brasil, os discursos presidenciais assumem uma dimensão estratégica, atuando como mecanismos de negociação simbólica e consolidação de apoio popular em um cenário de governabilidade complexa. Esse fenômeno pode ser observado em outras democracias presidencialistas, nas quais a capacidade de mobilizar a opinião pública também assumiu uma posição de relevância para o exercício efetivo do poder executivo.

Samuel Kernell (1987), no seu livro *Going Public*, descreve a transformação ocorrida na liderança presidencial nos Estados Unidos, quando os presidentes passaram a se comunicar diretamente com o público, utilizando a mídia para mobilizar apoio às suas agendas políticas. Essa forma, caracterizada por uma comunicação amplificada e direcionada ao público geral, influencia tanto a opinião pública quanto outros atores do cenário político, alterando as negociações, tradicionais, entre grupos dominantes na política (Arthur; Woods, 2013).

A transposição de cenário norte-americano para o brasileiro demonstra como a fragmentação partidária e os desafios de coordenação no Congresso tornam os discursos presidenciais ainda mais importantes e como são utilizados como instrumentos de pressão política e articulação de coalizões de apoio.

A retórica presidencial tornou-se, no século XX, uma ferramenta de mobilização popular e construção de legitimidade. Segundo Tulis (1987), essa mudança ampliou o papel do presidente como

líder de opinião pública, porém carregou juntamente desafios como o risco de demagogia e a superficialidade do debate político. O autor defende que essa transformação está conectada com mudanças históricas, como a chegada das tecnologias de comunicação em massa, redefinindo a relação entre governantes e seu público.

Assim, os discursos presidenciais não refletem somente o contexto político, mas moldam as percepções públicas, influenciando a formação de um “capital político”, argumenta Zarefsky (2004). Isto reforça a percepção de que o discurso presidencial é um fenômeno múltiplo, que traz estratégias retóricas, dinâmicas históricas e demandas sociais. Novamente, na observação do cenário brasileiro, a aplicação dessas abordagens é relevante, principalmente considerando os desafios do presidencialismo de coalizão e a flutuação política dele decorrente.

Contrariamente às visões simplistas, a retórica não consiste apenas no embelezamento do discurso, mas na adequação da linguagem ao público e ao contexto para torná-lo convincente. Essa variação, vista em eventos como os impeachments de Fernando Collor e Dilma Rousseff, além da pandemia de COVID-19, demonstram como os presidentes utilizam a retórica para responder a necessidade das crises de governabilidade. É comum observá-los utilizando temas como “objetivo nacional” e “união” para mobilizar apoio, desviar críticas e manter a unicidade necessária para o governo.

Porém, essas crises também revelam como as dinâmicas históricas moldam o vocabulário presidencial. Por exemplo: Collor utilizou a retórica de “modernização” e “reformas” para justificar políticas econômicas controversas. Dilma, por sua vez, construiu uma narrativa de “resistência democrática” para enfrentar acusações durante o processo de impeachment. Já na pandemia de COVID-19, Bolsonaro adotou uma retórica de polarização, enfatizando “liberdade individual” contrariando as medidas restritivas, refletindo as tensões entre a retórica do discurso presidencial e a ação do governo.

A literatura internacional fornece análises teóricas importantes sobre a retórica dos discursos presidenciais, mas ainda há lacunas na análise do cenário brasileiro. Estudos que observam as teorias de Kernell e Tulis no Brasil podem auxiliar a compreender como os presidentes brasileiros adaptaram suas estratégias retóricas para lidar com as demandas de um sistema político fragmentado e um público diversificado. Essa análise oferece observações de como a retórica presidencial é um mecanismo de resposta simbólica que molda percepções e influencia dinâmicas políticas.

Os dados permitem uma compreensão mais ampla do papel estratégico dos discursos presidenciais no fortalecimento da democracia em um cenário de constantes transformações políticas e sociais.

1.2 AS MUDANÇAS RETÓRICAS NO BRASIL AO LONGO DAS DÉCADAS

Dois pontos são relevantes no contexto temporal que se refere este trabalho. Primeiro ele acompanha o período de transição e evolução da mídia, que revolucionou canais e formatos de comunicação política; segundo, abrange todo o ciclo de redemocratização do país, o que permite uma compreensão longitudinal das estratégias discursivas presidenciais desde o fim da ditadura militar até o contexto político contemporâneo.

Com a transição das mídias de massa, que anteriormente eram mediadas pela televisão e pela imprensa escrita, para um ambiente pulverizado com grande participação das mídias digitais, os presidentes foram forçados a adaptar seus discursos para alcançar um público mais amplo e diversificado. O aumento da presença das redes sociais, em particular, impulsiona uma mudança no formato e no estilo dos discursos. Há uma maior ênfase em frases curtas e diretas, visando capturar a atenção em um ambiente onde a informação é consumida rapidamente (Ott, 2017).

Outro ponto considerado importante para a análise são, como já citado, as crises políticas e econômicas enfrentadas pelo Brasil ao longo das últimas décadas, responsáveis por influenciar o tom e o estilo dos discursos presidenciais no mundo todo. Momentos de crise exigem uma comunicação clara e eficiente, podendo levar a um estilo retórico mais simplificado e acessível ao público em geral. O contexto político de cada mandato, como as crises econômicas dos anos 1990, o impeachment de Dilma Rousseff em 2016 e a pandemia da COVID-19 durante o governo de Jair Bolsonaro, provocaram impactos na forma como os presidentes apresentavam suas ideias e se comunicavam com a população.

Compreender os discursos presidenciais é fundamental para interpretar a dinâmica política e social do Brasil. Os discursos são uma descrição de como os presidentes recepcionam desafios e emitem sua visão de condução pública do governo, além de serem um reflexo das estratégias políticas que utilizam para manter o apoio popular e arquitetar seu procedimento de governabilidade.

A análise da evolução da legibilidade e da diversidade lexical, contribui para a compreensão das mudanças nas práticas retóricas presidenciais e como essas mudanças estão ligadas às condições sociopolíticas do país (Campbell; Jamieson, 2008; Tulis, 1987).

A transição da mídia tradicional para as mídias digitais impacta a maneira como os líderes políticos se comunicam com o público. As redes sociais impõem novas exigências para os discursos políticos, que precisam ser mais concisos e esteticamente atraentes em capturar a atenção de um público altamente fragmentado e com capacidade de atenção reduzida (Ott, 2017). Com a crescente influência das redes sociais na comunicação política, os presidentes adaptaram seus estilos de discurso, passando de uma retórica mais formal e detalhada para uma retórica simplificada e direta

(Enli, 2017). Essas mudanças influenciam a forma como as políticas são comunicadas e como são percebidas e aceitas pelo público.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Para esta pesquisa, foram analisados um total de 6.069 discursos presidenciais, abrangendo o período de 1985 a 2022. Os discursos de José Sarney, Fernando Collor, Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso, Luís Inácio Lula da Silva, Dilma Rousseff, Michel Temer e Jair Bolsonaro, proporcionam uma ampla visão dos mais de trinta anos de história política pós redemocratização brasileira.

O conjunto de dados utilizado foi extraído de uma base compilada por Pascoal Teófilo Carvalho Gonçalves e Carla Suzana Gomes Meira, disponível no Kaggle (Gonçalves; Meira, [S.d.]). Os discursos originais foram obtidos a partir da Biblioteca da Presidência da República do Brasil (“ex-presidentes — Biblioteca”, [S.d.]). Nesta plataforma, cada ex-presidente tem seu próprio acervo de discursos presidenciais, onde é possível acessar o conteúdo na íntegra.

Para garantir a consistência da análise, aplicou-se os seguintes critérios de seleção:

- Excluídos os termos genéricos, pronomes de tratamento e palavras muito comuns (*stopwords*), por exemplo: ter, você, sua, ele, dele, senhores, senhor, governo, presidente, cumprimentar etc.
- Consideradas apenas palavras com mais de quatro letras, para evitar distorções nas métricas de frequência lexical.

Duas métricas foram usadas na análise:

- **Legibilidade:** Calculada pela média de palavras por frase, esta métrica fornece uma indicação da complexidade retórica dos discursos.
- **Diversidade Lexical (TTR - Type-Token Ratio):** Indicador que mede a variedade do vocabulário utilizado, refletindo a amplitude temática abordada em cada discurso.

A análise da diversidade lexical permite identificar as unidades linguísticas, ou seja, palavras ou termos, que o político utiliza e a partir disso entender o que essas escolhas revelam sobre o discurso e o momento político.

Para executar a análise foi criado um código computacional escrito na linguagem R, versão 4.4.1 GUI 1.80 Big Sur ARM build (8416). O script foi desenvolvido para processar os textos, calcular as métricas e gerar tabelas e gráficos descritivos.

Isso permitiu identificar as palavras mais enfatizadas por cada presidente e, a partir desses resultados, realizar uma leitura interpretativa dos temas e valores destacados em suas falas, relacionando-os ao contexto político e sociocultural de cada período. Esse exercício interpretativo, suportados nos conceitos da Análise do Discurso, contribui para compreender as evoluções discursivas como processos de construção simbólica e posicionamento político.

A análise apresenta limitações, como a possível exclusão de discursos não registrados nas bases de dados oficiais e a influência de fatores contextuais difíceis de mensurar quantitativamente. Mesmo assim, os métodos aqui utilizados fornecem uma base importante para compreensão da evolução da retórica presidencial no Brasil.

Uma outra limitação relevante deste estudo diz respeito à ausência de metadados estruturados sobre os discursos analisados. Informações como o tipo de evento (posse, pronunciamento de crise, fala internacional), o público-alvo ou o local de enunciação podem impactar diretamente a escolha retórica e a estrutura dos discursos. A ausência dessas variáveis impede uma análise mais refinada das condições de produção textual, especialmente no caso de discursos atípicos, como os realizados na abertura da Assembleia Geral da ONU, que podem ser mais complexos e diplomáticos. Alguns discursos com valores extremos de legibilidade ou diversidade lexical podem funcionar como outliers, distorcendo as médias anuais. Embora não tenhamos removido esses casos da base, é necessário reconhecer que sua presença pode interferir nos padrões agregados.

3 ANÁLISE E RESULTADOS

A fim de compreendermos os dados, iniciamos a análise com uma distribuição simples do número de discursos por presidente e por ano. Esse levantamento inicial permite observar como a quantidade de discursos variou ao longo do tempo, oferecendo a visão sobre os momentos em que a comunicação presidencial se intensificou ou diminuiu.

Quadro 1 – Quantidade de discursos por Ano e Presidente

José Sarney		Fernando Collor		Itamar Franco		Fernando Henrique Cardoso	
Ano	Discursos	Ano	Discursos	Ano	Discursos	Ano	Discursos
1985	97	1990	150	1992	3	1995	214
1986	137	1991	20	1993	46	1996	203
1987	115			1994	28	1997	200
1988	118					1998	183
1989	116					1999	90
1990	7					2000	158
						2001	99
						2002	192

Lula		Dilma Rousseff		Michel Temer		Jair Bolsonaro	
Ano	Discursos	Ano	Discursos	Ano	Discursos	Ano	Discursos
2003	210	2011	155	2016	116	2019	205
2004	289	2012	119	2017	197	2020	131
2005	261	2013	170	2018	84	2021	161
2006	243	2014	144			2022	111
2007	246	2015	164				
2008	265	2016	56				
2009	256						
2010	310						

Fonte: Os Autores, 2024

No passo seguinte, foi examinado o conteúdo desses discursos para entender os temas prioritários e os tópicos mais recorrentes abordados pelos presidentes. A análise das palavras mais frequentes nos discursos traz uma perspectiva sobre as narrativas e os temas centrais em cada governo.

Essa listagem de palavras mais frequentes foi utilizada como instrumento exploratório para ilustrar as recorrências lexicais em contextos presidenciais distintos. Contudo, estes dados não configuram, por si só, uma análise sistemática de agenda ou de enquadramento temático. Essas dimensões serão abordadas em trabalhos futuros, com apoio de técnicas mais adequadas, como modelagem de tópicos e análise de frame.

A Tabela 1 apresenta as 10 palavras mais frequentes por presidente e ano, juntamente com suas respectivas frequências.

Tabela 1 – 10 Palavras mais frequentes nos discursos

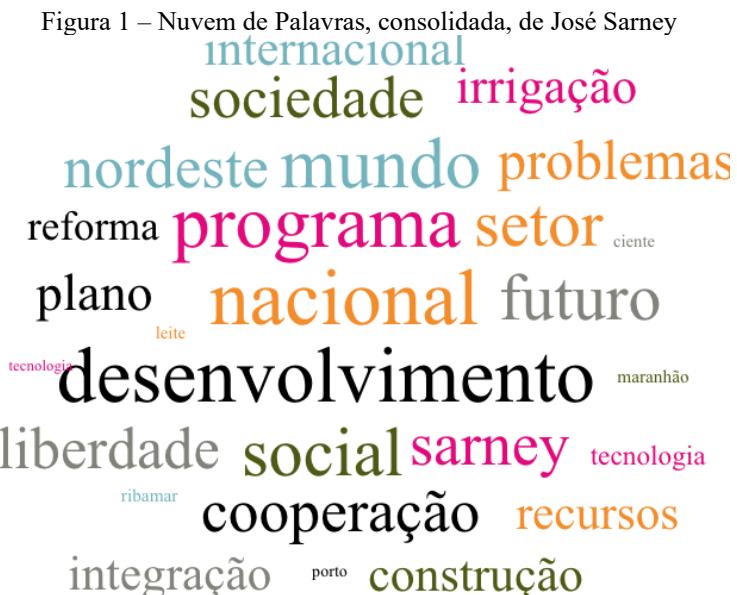
Presidente	Ano	Principais 10 Palavras	Frequência, respectivamente, das palavras
Sarney	1985	nacional, sarney, social, liberdade, desenvolvimento, sociedade, problemas, pronunciamento, reforma, decisão	189, 174, 150, 130, 126, 107, 103, 94, 93, 90
Sarney	1986	social, desenvolvimento, programa, nacional, sociedade, plano, liberdade, setor, mundo, democracia	326, 297, 255, 239, 212, 200, 190, 163, 160, 151
Sarney	1987	programa, nacional, desenvolvimento, futuro, mundo, problemas, nordeste, setor, social, cooperação	254, 245, 215, 160, 159, 158, 157, 152, 144, 140
Sarney	1988	nacional, desenvolvimento, mundo, programa, setor, futuro, sarney, irrigação, nordeste, internacional	304, 268, 268, 213, 204, 186, 185, 179, 178, 169
Sarney	1989	desenvolvimento, nacional, cooperação, programa, mundo, futuro, construção, integração, recursos, sarney	287, 268, 216, 199, 185, 180, 163, 155, 152, 140
Sarney	1990	nacional, tecnologia, desenvolvimento, programa, maranhão, ribamar, ciente, leite, porto, tecnologia	34, 34, 25, 21, 18, 18, 17, 17, 16, 15

Collor	1990	sociedade, nacional, desenvolvimento, mundo, programa, internacional, economia, processo, social, jornalista	425, 365, 323, 317, 314, 297, 282, 261, 261, 251
Collor	1991	gabriela, nacional, alagoas, economia, projeto, recursos, programa, desenvolvimento, sociedade, jornalista	68, 68, 62, 61, 55, 53, 51, 50, 49, 48
Itamar	1992	sociedade, armadas, social, desenvolvimento, esperança, mundo, nacional, dignidade, processo, ulysses	12, 10, 10, 9, 8, 8, 8, 7, 7, 7
Itamar	1993	desenvolvimento, social, nacional, sociedade, internacional, integração, mundo, itamar, franco, povos	96, 69, 67, 63, 61, 57, 51, 50, 49, 47
Itamar	1994	mercosul, cooperação, nacional, desenvolvimento, integração, internacional, processo, justiça, mundo, discurso, franco, itamar, ocasião, sociedade	42, 40, 38, 37, 32, 31, 30, 29, 29, 28, 28, 28, 28, 28
FHC	1995	sociedade, mundo, desenvolvimento, condições, recursos, preciso, processo, necessário, social, governador	535, 503, 491, 490, 439, 363, 361, 360, 359, 337
FHC	1996	sociedade, realmente, condições, processo, recursos, mundo, disse, governador, desenvolvimento, maneira	515, 455, 448, 415, 414, 401, 398, 389, 356, 350
FHC	1997	sociedade, condições, processo, governador, recursos, maneira, capacidade, mundo, fazendo, preciso	655, 453, 446, 419, 399, 396, 395, 386, 382, 380
FHC	1998	sociedade, esforço, mundo, realmente, condições, importante, fazendo, disse, preciso, desenvolvimento	581, 413, 409, 397, 365, 357, 355, 350, 340, 318
FHC	1999	sociedade, desenvolvimento, condições, nacional, realmente, população, necessário, programa, importante, respeito	293, 234, 217, 217, 197, 192, 191, 190, 188, 187
FHC	2000	sociedade, desenvolvimento, mundo, democracia, importante, nacional, condições, esforço, processo, maneira	492, 477, 476, 362, 359, 352, 340, 330, 316, 300
FHC	2001	energia, sociedade, recursos, preciso, programa, mundo, desenvolvimento, nacional, governador, importante	271, 248, 228, 215, 213, 211, 208, 203, 197, 196
FHC	2002	sociedade, mundo, desenvolvimento, realmente, importante, preciso, maneira, disse, social, capacidade	675, 629, 608, 542, 450, 449, 444, 399, 393, 378
Lula	2003	mundo, países, política, sociedade, coisas, desenvolvimento, dinheiro, social, nacional, queremos	779, 685, 685, 510, 502, 489, 474, 437, 430, 422
Lula	2004	mundo, países, coisas, política, desenvolvimento, importante, muitas, milhões, dinheiro, posse	1166, 1086, 867, 835, 829, 696, 681, 619, 587, 519
Lula	2005	mundo, países, política, importante, coisas, milhões, desenvolvimento, querido, nacional, posse	1135, 999, 811, 791, 760, 713, 678, 579, 545, 543
Lula	2006	mundo, coisas, dinheiro, países, importante, política, educação, milhões, muitas, desenvolvimento	935, 784, 612, 558, 553, 527, 524, 503, 486, 482
Lula	2007	mundo, secretaria, imprensa, países, discurso, coisas, política, presidência, importante, planalto	1080, 1077, 1018, 912, 900, 729, 669, 644, 638, 607
Lula	2008	mundo, países, coisas, importante, crise, milhões, dinheiro, política, desenvolvimento, queremos	1353, 1115, 783, 783, 727, 628, 613, 532, 499, 489
Lula	2009	mundo, crise, países, coisas, importante, dinheiro, queria, fazendo, milhões, paulo	1397, 992, 985, 896, 819, 752, 622, 538, 531, 514
Lula	2010	mundo, importante, coisas, países, milhões, queria, dinheiro, bilhões, paulo, política	1715, 964, 883, 859, 846, 831, 768, 724, 681, 637
Dilma	2011	queria, países, mundo, programa, desenvolvimento, importante, milhões, social, presentes, crise	898, 463, 452, 441, 437, 392, 387, 359, 330, 323
Dilma	2012	queria, países, mundo, desenvolvimento, importante, programa, milhões, população, crescimento, queremos	705, 448, 441, 404, 398, 333, 288, 283, 282, 274
Dilma	2013	queria, educação, importante, federal, mundo, programa, população, qualidade, milhões, médicos	1469, 780, 705, 667, 558, 540, 485, 481, 462, 420
Dilma	2014	queria, educação, importante, milhões, federal, programa, mundo, pronatec, parceria, prefeito	886, 521, 512, 502, 486, 439, 425, 353, 329, 302
Dilma	2015	queria, importante, programa, mundo, desenvolvimento, milhões, países, mulheres, nacional, social	682, 511, 436, 430, 384, 375, 334, 322, 303, 279
Dilma	2016	queria, programa, milhões, mulheres, golpe, democracia, nacional, mosquito, importante, processo	321, 229, 214, 194, 189, 187, 186, 185, 174, 173

Temer	2016	nacional, muitas, social, congresso, interessante, exatamente, longo, constituição, disse, federal	278, 260, 201, 198, 195, 193, 185, 184, 184, 182
Temer	2017	reforma, nacional, congresso, interessante, aliás, previdência, diálogo, federal, longo, estados	651, 515, 403, 368, 362, 360, 346, 327, 327, 326
Temer	2018	naturalmente, interessante, segurança, estados, aliás, disse, pública, federal, nacional, fizemos	245, 243, 239, 211, 208, 204, 191, 173, 170, 164
Bolsonaro	2019	mundo, melhor, amazônia, frente, militar, paulo, queremos, liberdade, exército, realmente	326, 224, 218, 216, 210, 200, 200, 197, 190, 183
Bolsonaro	2020	mundo, realmente, obviamente, federal, paulo, economia, melhor, região, exército, liberdade	174, 165, 147, 140, 133, 132, 128, 112, 109, 107
Bolsonaro	2021	liberdade, federal, mundo, melhor, ninguém, realmente, frente, falar, passado, podemos	306, 299, 292, 205, 203, 203, 202, 197, 182, 182
Bolsonaro	2022	mundo, liberdade, federal, pandemia, falar, paulo, reais, frente, economia, família	332, 255, 237, 183, 181, 161, 156, 151, 149, 145

Fonte: Os Autores, 2024

Nos dados levantados é possível observar como o vocabulário dos presidentes reflete desafios e prioridades de seus mandatos.



Fonte: Os Autores, 2024

Sarney assumiu a Presidência em 1985, no processo de redemocratização, enfrentando o desafio de legitimar-se, já que não foi eleito diretamente para o cargo de presidente e sim como vice, e de conduzir a transição democrática. Durante seu governo (1985-1990), palavras como “nacional” (1279), “social” (620), “desenvolvimento” (1218) e “liberdade” (320) foram predominantes. O retorno dos exilados políticos, o fim da censura e a convocação da Assembleia Nacional Constituinte em 1985 começavam a ser debatidos. Com isso, palavras como “liberdade” e “reforma” refletem essa abertura democrática e sugerem um compromisso com a consolidação das instituições democráticas e com as reformas estruturais necessárias para consolidar a nova fase no país. Além disso, contextualmente,

Cândido (2015, p. 105) relata que “os pronunciamentos feitos no ano de 1985 trazem consigo uma carga passional muito acentuada, pois o Brasil inteiro lamentava a morte do presidente eleito, Tancredo Neves”.

Em 1986 o governo Sarney enfrentou o fracasso econômico do Plano Cruzado II, que gerou insatisfação popular e suspensão do pagamento da dívida externa. Os termos “problemas” e “cooperação” refletem como esses desafios transparecem no discurso de Sarney. Por exemplo, em 20 de janeiro de 1986, o presidente discursou a empresários da indústria siderúrgica no Palácio do Planalto e abordou os problemas do país:

Para a solução dos problemas do País, é preciso que se crie uma consciência nacional. Confesso que esta consciência ainda não está totalmente formada e que a solução dos problemas não repousa exclusivamente nos ombros daqueles que têm a responsabilidade de governar. É preciso que a sociedade tome conhecimento, que se sinta participante dessas responsabilidades, porque, sem essa vontade, vai ser muito difícil e vai custar muito tempo para o País romper as barreiras que o seguram num momento de tantas dificuldades. (DISCURSO, 20/01/1986)

Em 1988 acontece a promulgação da Constituição Federal, e os termos “nacional” e “desenvolvimento” são centrais. Os avanços sociais começam a fazer parte do planejamento de políticas públicas do país, entre elas a criação do SUS e a ampliação dos direitos trabalhistas.

Em 1989 o país começa a se preparar para a primeira eleição direta para presidente desde 1960. Nesse período Sarney perde apoio político e Collor e Lula emergem como candidatos principais à presidência. O mandato foi encerrado em 1990, com popularidade baixa e destacando em seus discursos o legado de como contribuiu para a democracia e a transição pacífica de poder. Além disso, o destaque ficou com os termos “tecnologia”, “nacional” e “desenvolvimento”, marcando sua posição sobre o investimento em ciência e tecnologia. Em um de seus últimos discursos defendeu:

O Brasil não pode se ausentar da revolução pós-industrial vivida em nosso tempo. O fosso que separa nações prósperas e nações subdesenvolvidas assenta-se, cada vez mais, no domínio e no desenvolvimento de novas tecnologias (DISCURSO, 25/01/1990).

Figura 2 – Nuvem de Palavras, consolidada, de Fernando Collor



Fonte: Os Autores, 2024

O governo de Fernando Collor (1990-1991) traz na sua retórica um tom distinto de ruptura e modernização. Os discursos presidenciais mantêm o foco em “nacional” e “desenvolvimento” e introduz termos como “economia” e “internacional”. Isso reflete as tentativas de implementar reformas neoliberais e o fim da reserva de mercado em vários setores da economia brasileira. O governo Collor teve uma pauta reformista forte.

Esses dados indicam um esforço discursivo para equilibrar inovação com continuidade simbólica, discurso reformista, mas ainda revestido por valores da construção nacional, como podemos observar neste discurso:

O que o Brasil precisa é defender os interesses nacionais. Ou seja, nós não podemos pagar a dívida externa para depois crescermos. Ou seja, não se trata de saber o quanto nós iremos crescer depois de pagar a dívida, mas sim de quanto nós poderemos pagar depois de garantido o nosso crescimento econômico (DISCURSO, 25/09/1990).

O governo Collor ficou marcado por um estilo retórico agressivo, com forte apelo moralizante. Como aponta Luques (2010), o uso de metáforas não era meramente ilustrativo, mas operava como argumento retórico estruturante, conferindo sentido ao seu projeto de governo ao criar um antagonismo entre o “povo” e as “elites corruptas”. Essa retórica binária, típica do populismo moralizante, reforça a construção de uma imagem de autoridade redentora, que se conecta diretamente às escolhas lexicais e ao tom dominante dos seus discursos.

Figura 3 – Nuvem de Palavras, consolidada, de Itamar Franco



Fonte: Os Autores, 2024

O governo de Itamar Franco (1992-1994) inicia-se em um momento de profunda instabilidade institucional, logo após o impeachment de Fernando Collor, o que exigiu do novo presidente um discurso voltado à recomposição da legitimidade democrática e à pacificação nacional. Termos como “cooperação”, “internacional” e “sociedade” assumem centralidade em seus pronunciamentos, indicando uma tentativa de reposicionar o Brasil tanto interna quanto externamente. O uso recorrente de “cooperação”, por exemplo, reflete um apelo à reconstrução de consensos e ao diálogo institucional, enquanto “internacional” e “integração” sinalizam uma agenda voltada ao fortalecimento das relações diplomáticas, sobretudo no contexto do Mercosul.

Em um de seus discursos, Itamar ressalta que a integração regional era parte de uma “missão histórica” para a estabilidade e a autonomia da América Latina, uma retórica que enfatiza a diplomacia como ferramenta de estabilidade interna.

A integração regional figura com proeminência entre os objetivos da política externa brasileira, preceito que se encontra consignado em nossa Constituição nos seguintes termos: «A República Federativa do Brasil buscará a integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina, visando à formação de uma comunidade latino-americana de nações». Com o MERCOSUL engajamo-nos, juntamente com a Argentina e o Paraguai, em um projeto de integração posto a serviço da ampliação da escala de nossas economias. Se é verdade que as nossas metas são ambiciosas e os prazos propostos requerem uma grande agilidade negociadora, é também certo que já alcançamos o nível de confiabilidade e de entendimento que nos levará aos objetivos traçados. Nos países do MERCOSUL está a metade do produto da América Latina. A área é também servida por moderna infra-estrutura, própria à circulação de bens e serviços. Essa rede de transporte se amplia com obras como as da hidrovia Paraguai-Paraná e do Eixo Rodoviário que unirá o Brasil ao Uruguai e à Argentina. A integração progressiva de nossos países alterará a paisagem econômica e o meio em que se movem os agentes produtivos (DISCURSO, 27/05/1993).

O vocabulário de Itamar indica também uma inflexão mais institucional e menos personalizada. A ausência de expressões populistas e o predomínio de termos técnicos sugerem uma retórica de recomposição da normalidade política, associada à credibilidade institucional. A alta diversidade lexical em seus discursos mostra uma amplitude temática importante, que pode ser interpretado como reflexo das múltiplas frentes que seu governo teve que lidar, da transição institucional ao início da formulação do Plano Real.

A retórica do seu governo assume, portanto, um papel de preparação e transição, pavimentando discursivamente o caminho para uma agenda mais técnica e reformista que seria consolidada por seu sucessor.

Em contraste com os discursos mais mobilizadores de Sarney ou Collor, Itamar opta por um tom mais sereno e tecnocrático, o que contribuiu para restaurar a credibilidade da presidência e sinalizar uma nova fase de racionalidade na condução do Estado.

Figura 4 – Nuvem de Palavras, consolidada, de Fernando Henrique Cardoso



Fonte: Os Autores, 2024

Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), que sucede a Itamar Franco, traz a utilização frequente de palavras como “sociedade”, “ministro”, “condições” e “processo”.

Nos três primeiros anos de governo (1995–1997), observa-se um volume levemente acima da média de discursos do seu primeiro mandato. Embora estatisticamente essa variação não se configure como significativa, seu valor retórico e político é relevante. O aumento nesse período pode estar

vinculado à necessidade de consolidar a confiança da população nos efeitos do recém-lançado Plano Real e à construção de uma narrativa de estabilidade e modernização institucional.

A retórica de FHC nesse momento assume uma função pedagógica, voltada à explicação das medidas econômicas, à criação de consenso em torno das reformas e ao reposicionamento do Brasil no cenário internacional. Tal esforço inicial revela uma preocupação em se aproximar da sociedade civil e legitimar tecnicamente um conjunto de políticas impopulares ou de difícil entendimento, reforçando o caráter racional e tecnocrático de sua liderança.

A rationalidade desses discursos é observada nas palavras frequentes, já citadas, que reforçam a imagem de um presidente comprometido com uma agenda de reformas estruturais e com a modernização do Estado. Essa escolha lexical revela um esforço discursivo de ancorar suas políticas em argumentos técnico-administrativos, construindo um ethos de gestor responsável.

Palavras como “sociedade” e “importante” aparecem com frequência, sugerindo uma tentativa de conectar o projeto reformista com demandas sociais mais amplas, mas sempre por meio de uma linguagem que transmite lógica, responsabilidade fiscal e previsibilidade institucional.

Nesse sentido, a retórica de FHC quase não recorre ao apelo emocional e apostava em uma narrativa que busca legitimar as reformas por meio da razão, da necessidade histórica e da eficiência econômica. Uma estratégia que reflete tanto seu capital acadêmico quanto o momento político de estabilização pós-inflação em que se insere. Podemos observar isso neste trecho de um dos seus discursos:

Eu nunca fui reacionário. Sempre fui ligado à vanguarda do meu tempo, continuo nela e tenho piedade daqueles que não vêem que os tempos mudaram, ficam aterrados como ouro nas rochas, ficam com ideias vazias e falta de perspectivas. E o nosso povo, que quer perspectiva, vê facilmente qual é o caminho e não tem dúvida de apoiar as reformas no Congresso Nacional, ao qual agradeço, mais uma vez, ter votado com serenidade aquelas reformas necessárias para que o Brasil possa caminhar. E o resultado está aí. Os agoureiros diziam que o Plano Real acabaria no dia da eleição. Já são 11 meses de Plano Real. A inflação é a mais baixa dos últimos 25 anos e, agora, em maio cai de novo e em junho, de novo. Um plano marcado, por inteiro, pelo combate tenaz à inflação, porque, com inflação baixa, quem ganha é o povo, que pode comer um pouco melhor, que pode comprar um sapato, comprar uma roupa. (DISCURSO, 20/05/1995).

Figura 5 – Nuvem de Palavras, consolidada, de Lula
desenvolvimento



Fonte: Os Autores, 2024

A transição para o governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) começa a mostrar uma alteração na dinâmica de estado. O vocabulário demonstra um posicionamento internacionalista. Palavras como “mundo”, “países” e “política” demonstram essa tendência. Isso se conecta à ideia Tulis, (1987), onde os discursos podem moldar a percepção do papel do país no cenário global. O uso recorrente de termos como ‘mundo’ e ‘países’ enfatiza a construção de uma narrativa de posicionamento internacional, que reflete a busca por um novo capital político em um cenário de crescente globalização (Zarefsky, 2004).

Isso apresenta a clara ênfase do momento: colocar o Brasil como um ator importante no cenário global. Mas não deixando de lado um forte compromisso com o “desenvolvimento” social interno, refletido no uso da palavra “milhões”. A escolha de palavras mais simples e acessíveis, como “coisas” e “importante”, sugere uma tentativa, deliberada, de Lula em se conectar emocionalmente com a população, transmitindo uma imagem de proximidade e empatia.

Lula carrega em seu discurso essa construção de origem comum à grande maioria da população brasileira. Seu apelo de vínculo pode ser observado em pontos como:

a sensação do primeiro emprego eu acho que todos aqui já sentiram, em algum momento. Não sei nem se você vai poder ir com essa roupa para casa, porque parece-me que tem que se trocar no vestiário. Mas quando eu tive o meu primeiro emprego, Leci, eu tinha que andar da minha casa até a metalúrgica, a fábrica de parafusos Marte. Eu tinha que andar uns 500 metros. E quando eu coloquei o meu macacão, quando andei, eu levitei. Era uma sensação de prazer, uma sensação de conquista, uma sensação de que eu estava virando gente. Eu acho que foi

um dos dias mais extraordinários da minha vida. Eu fico imaginando o que vocês devem estar sentindo porque, afinal de contas, numa cidade do interior deste país, a gente nem sempre tem muita oportunidade de trabalhar quando a gente é jovem. E você está tendo a tua primeira oportunidade, o teu primeiro emprego. Eu espero que isso seja para você, o que foi para mim. (DISCURSO, 05/05/2004).

Figura 6 – Nuvem de Palavras, consolidada, de Dilma Rousseff
queremos



Fonte: Os Autores, 2024

Durante os primeiros anos de seu governo, Dilma Rousseff manteve uma retórica alinhada à continuidade da agenda social de seu antecessor, com ênfase em termos como “desenvolvimento”, “programa” e “milhões”, o que sugere uma tentativa de manter unificada a base popular que sustentava a coalizão petista no poder. No entanto, a frequência elevada do termo “queria” insere um tom subjetivo e pessoalizado em seus discursos, marcando uma mudança em relação ao estilo mais performático e emocional de Lula. Essa personalização da fala pode ser interpretada como uma estratégia discursiva para transmitir empatia e proximidade, em especial em um contexto em que Dilma, apesar do apoio político inicial, enfrentava desafios relacionados à sua imagem pública e à percepção de frieza e distanciamento pessoal. O uso recorrente de verbos no passado do modo indicativo sugere, também, uma tentativa de alinhar desejo político com entrega governamental, construindo uma narrativa de intenção e compromisso, mesmo diante das limitações impostas pelo cenário econômico adverso.

Com o agravamento da crise política a partir de 2015, observa-se uma inflexão clara no vocabulário da presidente. O termo “golpe” surge como marcador retórico central nos discursos do

último ano de seu governo, evidenciando a tensão narrativa que se estabelece no processo de enfrentamento ao *impeachment*. Essa mudança de eixo retórico, de uma linguagem voltada ao desenvolvimento para uma retórica de resistência, revela a tentativa de reconfigurar a disputa política como uma batalha simbólica em defesa da legitimidade democrática. A retórica de Dilma nesse período final se aproxima da lógica do confronto institucional, e seu vocabulário ganha um tom defensivo, muitas vezes apelando a categorias como “democracia”, “processo” e “mulheres”, em uma tentativa de construir capital simbólico diante da erosão de apoio político. Essa virada discursiva, ao mesmo tempo em que reafirma sua posição política, também evidencia os limites da retórica na reversão de um quadro institucional já deteriorado.

Em seu último discurso observamos essa tentativa de recuperação do apoio popular:

O que está em jogo no processo de impeachment não é apenas o meu mandato. O que está em jogo é o respeito às urnas, à vontade soberana do povo brasileiro e à Constituição. O que está em jogo são as conquistas dos últimos 13 anos: os ganhos das pessoas mais pobres e da classe média, a proteção às crianças, os jovens chegando às universidades e às escolas técnicas, a valorização do salário-mínimo, os médicos atendendo a população, a realização do sonho da casa própria, com o Minha Casa Minha Vida. O que está em jogo é, também, a grande descoberta do Brasil, o pré-sal. O que está em jogo é o futuro do País, a oportunidade e a esperança de avançar sempre mais. (DISCURSO, 12/05/2016)



O vocabulário predominante nos discursos de Michel Temer, centrado em termos como “reforma”, “congresso” e “nacional”, reflete sua agenda política e o caráter altamente institucional de seu governo. Assumindo a presidência após o *impeachment* de Dilma Rousseff, Temer se posiciona

como um presidente de transição e de “responsabilidade fiscal”, buscando sinalizar estabilidade e previsibilidade ao mercado.

Seu discurso carrega uma marca técnica e jurídica, priorizando o convencimento do legislativo e a mediação entre forças políticas. O destaque da palavra “congresso” evidencia o esforço de manter e negociar alianças dentro do presidencialismo de coalizão, especialmente em um momento de baixa popularidade e legitimidade fragilizada da posição que ocupa. Nesse sentido, a retórica de Temer evita apelos populistas e investe em uma linguagem racional, buscando criar um cenário de justificativa para as reformas necessárias, porém, impopulares.

As métricas discursivas confirmam essa estratégia: apesar do curto período de governo, os discursos de Temer apresentam uma leve elevação na complexidade retórica em relação aos anos anteriores, com médias entre 8,2 e 8,6 palavras por frase. Sua diversidade lexical também é relativamente alta (TTR entre 0,68 e 0,70), o que indica uma retórica densa e variada, ainda que focada em um vocabulário técnico e legislativo.

A presença recorrente de palavras como “constituição”, “previdência” e “congresso” sugere um discurso voltado para a legalidade e a institucionalidade, compondo uma narrativa de legitimidade baseada no cumprimento do dever de Estado.

Em um contexto de forte crise política e de reconfiguração do sistema partidário, Temer recorre à linguagem como instrumento de articulação institucional, buscando evitar rupturas e garantir um mínimo de governabilidade até o encerramento do mandato.

Essa característica tecnocrática se observa em partes como abaixo:

Olha, nós temos pelo menos quatro reformas fundamentais. Isso vai levar os dois anos e meio, talvez, de governo, mas vamos realizá-las. Mas, ocorre, é interessante, o chamado teto dos gastos públicos, nós já aprovamos em definitivo, que é uma Proposta de Emenda Constitucional. A reforma da Previdência, que é fundamental, nós temos que debatê-la muito. O palco próprio para debatê-la é, precisamente, o Congresso Nacional. Nós já ganhamos a admissibilidade dessa proposta na Comissão de Constituição e Justiça e agora, no mês de fevereiro, se forma a comissão para o amplo debate da quase revolução previdenciária indispensável para o País. Eu tenho exemplos de países, os senhores conhecem tanto ou melhor que eu, de países que foram obrigados a fazê-la. Ainda recentemente, em Portugal, o senhor presidente me dizia que lá a idade mínima é 66 anos, tiveram que cortar o 13º salário, lá havia 13º salário de funcionários e pensionistas. Enfim, fizeram uma série de restrições. Nós queremos preparar o futuro com esta reforma que, volto a dizer, poderá ser até aperfeiçoada no Congresso Nacional, mas é um debate indispensável para o País.
(DISCURSO, 24/01/2016)

Figura 8 – Nuvem de Palavras, consolidada, de Jair Bolsonaro



Fonte: Os Autores, 2024

A retórica presidencial de Jair Bolsonaro marca uma inflexão significativa na tradição discursiva brasileira. Seu vocabulário, centrado em termos como “liberdade”, “mundo”, “federal” e “pandemia”, revela uma agenda que mistura apelos à soberania individual, defesa de valores nacionalistas e confronto retórico com instituições tradicionais. A ênfase em “liberdade” ganha particular destaque durante os anos da pandemia de COVID-19, sendo instrumentalizada para se opor a medidas de isolamento, uso obrigatório de máscaras e restrições de mobilidade impostas por governos estaduais. Esse uso do termo reflete uma estratégia retórica populista, na qual a liberdade é ressignificada como oposição ao “controle” institucional, um recurso comum a líderes de viés liberal, conforme observam Sorensen (2024) e Van Dijk (1997). Ao mesmo tempo, palavras como “mundo” e “global” aparecem com frequência, embora muitas vezes em contextos críticos, indicando um uso ambíguo do discurso internacional: ora para reforçar a soberania nacional, ora para denunciar supostas interferências externas.

O estilo de Bolsonaro também representa um afastamento deliberado do modelo presidencial tecnocrático adotado por seus antecessores como FHC e Temer. Com frases curtas, simplificação retórica e uso recorrente de expressões informais, seus discursos assumem um tom direto, por vezes agressivo, marcado pela polarização e pela construção de inimigos retóricos (mídia, STF, governadores, esquerda etc.). A média de palavras por frase nos seus discursos está entre as mais baixas da série histórica, sinalizando uma retórica adaptada às lógicas das redes sociais e ao consumo rápido de conteúdo. Essa estratégia se conecta ao que Enli (2017) chama de “autenticidade

performativa”, na qual a linguagem informal e provocadora reforça uma imagem de proximidade com o “povo comum” e rejeição da política institucionalizada. Ao enfatizar liberdade como um valor absoluto, e ao evitar vocabulários técnicos, Bolsonaro reposiciona a presidência como espaço de contestação cultural, evidenciando uma mudança substancial não apenas no conteúdo, mas na função simbólica da retórica presidencial no Brasil contemporâneo.

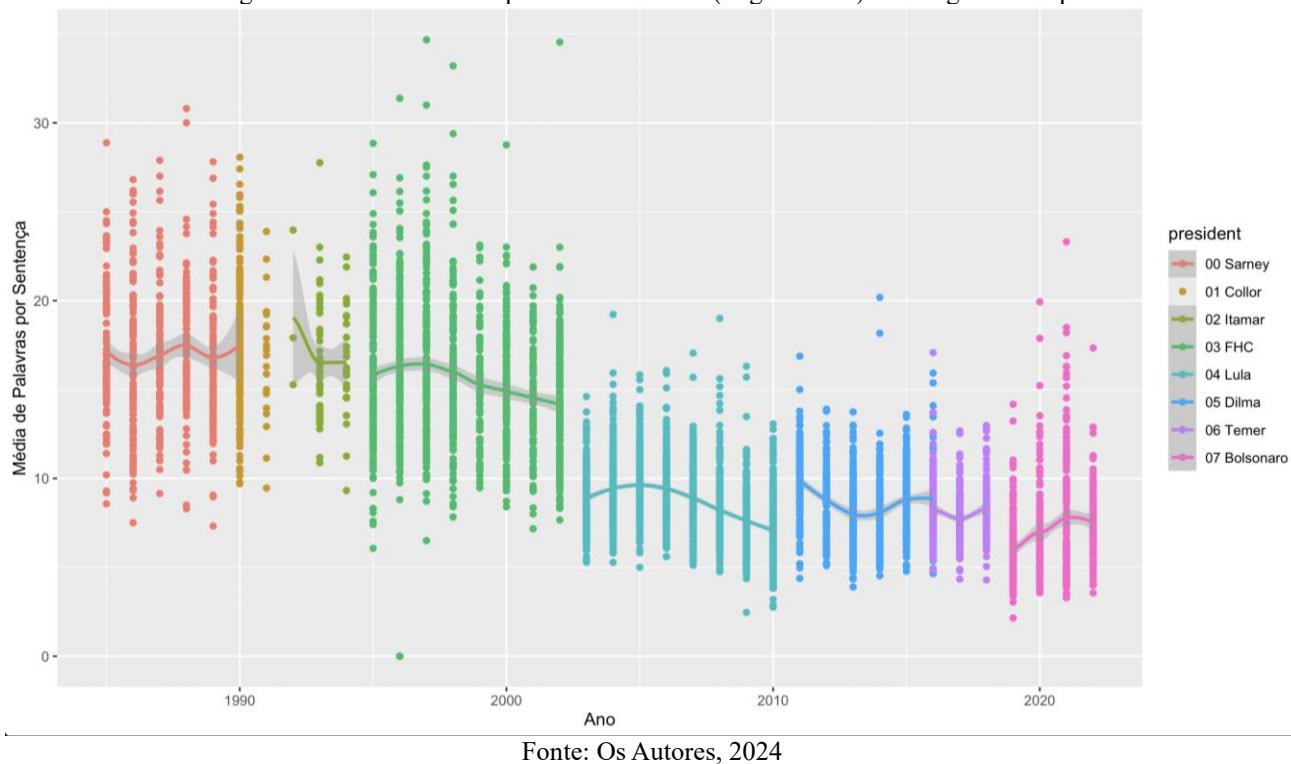
Finalizando as análises realizadas, a Tabela 2 traz medidas de Médias de Legibilidade e Diversidade Lexical por Presidente e Ano.

Tabela 2 - Médias de Complexidade Retórica e Diversidade Lexical por Presidente e Ano

Presidente	Ano	Legibilidade - Média	TTR - Média
Sarney	1985	17,169759	0,7170869
Sarney	1986	16,371951	0,6558323
Sarney	1987	16,914150	0,6421528
Sarney	1988	17,476643	0,6372990
Sarney	1989	16,314960	0,6603965
Sarney	1990	19,877489	0,6047056
Collor	1990	17,488884	0,6633058
Collor	1991	16,788863	0,6177742
Itamar	1992	19,046808	0,7034094
Itamar	1993	16,512935	0,7447718
Itamar	1994	16,528611	0,7284113
FHC	1995	15,926334	0,5961644
FHC	1996	15,955031	0,5736567
FHC	1997	16,728328	0,5771397
FHC	1998	15,863918	0,5743026
FHC	1999	14,904372	0,5769482
FHC	2000	15,215499	0,5786139
FHC	2001	14,415460	0,5747221
FHC	2002	14,169653	0,5768939
Lula	2003	8,857796	0,6929083
Lula	2004	9,435348	0,6840579
Lula	2005	9,655238	0,6714732
Lula	2006	9,497765	0,6675233
Lula	2007	8,787263	0,6513741
Lula	2008	8,326774	0,6798743
Lula	2009	7,499357	0,6542717
Lula	2010	7,109284	0,6486900
Dilma	2011	9,851758	0,6720877
Dilma	2012	8,978112	0,6436151
Dilma	2013	7,984801	0,6176255
Dilma	2014	8,080193	0,6329802
Dilma	2015	9,061403	0,6629164
Dilma	2016	8,655530	0,6383149
Temer	2016	8,215439	0,7003161
Temer	2017	7,729880	0,7076526
Temer	2018	8,313852	0,6878205
Bolsonaro	2019	6,022201	0,7947250
Bolsonaro	2020	6,969105	0,7943676
Bolsonaro	2021	7,775079	0,7753401
Bolsonaro	2022	7,502137	0,7723580

Fonte: Os Autores, 2024

Figura 9 – Gráfico de Complexidade Retórica (Legibilidade) ao Longo do Tempo



Fonte: Os Autores, 2024

As medidas de legibilidade (complexidade retórica) e diversidade lexical evidenciam mudanças importantes no estilo de comunicação dos líderes brasileiros ao longo das décadas. A complexidade retórica representa a média de palavras por frase. Ela oferta uma medida da sofisticação ou formalidade dos discursos. Já a diversidade lexical, medida pelo TTR (*Type-Token Ratio*), apresenta a amplitude do vocabulário utilizado. As duas métricas demonstram como os presidentes ajustaram seu discurso para atender às demandas políticas, sociais e midiáticas de seus períodos de governo.

José Sarney (1985-1989)

Os discursos de Sarney, nos primeiros anos da redemocratização, mostram uma média de 17 a 16 palavras por frase, indicando um estilo formal e discursivo, típico do período de transições políticas. Este estilo formal reflete o esforço de consolidação democrática, em linha com as observações de (Tulis, 1987), que diz que a retórica presidencial é utilizada como uma ferramenta para legitimar novas ordens. A diversidade lexical é alta (em torno de 0,71 a 0,66), apresentando um vocabulário variado, provavelmente necessário para abordar a complexidade dos desafios enfrentados pelo país na transição da ditadura para a democracia. Isso sugere que Sarney buscou navegar por diversas questões para unificar diferentes grupos sociais e políticos.

Fernando Collor (1990)

Collor manteve uma complexidade retórica ligeiramente elevada, com 17,48 palavras por frase. Isso reflete seu estilo de liderança, voltado para reformas e mudanças estruturais. Sua diversidade lexical também se mantém alta, em 0,66, sugerindo que o vocabulário usado incluía uma ampla gama de termos. Muito conectado com a análise das palavras mais recorrentes da Tabela 2, que sugere uma relação às reformas econômicas e à abertura do Brasil para o mercado internacional.

Itamar Franco (1992-1994)

Os discursos de Itamar mostram uma complexidade retórica variada, com um pico de 19,04 palavras por frase em 1992. Reflete uma possível herança de um estilo mais formal pela proximidade com o governo Sarney. Em 1994, há uma leve queda para 16,52, o que pode indicar uma adaptação para uma linguagem mais acessível conforme o país começava a se estabilizar e o Plano Real começa a tomar forma. A diversidade lexical manteve-se alta, com TTR entre 0,70 e 0,72, sugerindo uma retórica diversificada em resposta a múltiplos desafios políticos e econômicos do período do seu governo.

Fernando Henrique Cardoso (1995-2002)

A entrada de FHC traz uma queda na complexidade retórica, variando de 15,95 palavras por frase em 1996 para 14,16 em 2002. Isso sugere que a simplificação estaria ligada à necessidade de explicar suas reformas estruturais em termos mais acessíveis ao público. A diversidade lexical de FHC é consistentemente mais baixa em relação a outros presidentes (em torno de 0,57 a 0,59), o que pode indicar uma maior centralização dos temas.

Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010)

O governo Lula traz uma mudança significativa na complexidade retórica. Os discursos são mais curtos, variando entre 9,43 palavras por frase em 2004 e 8,32 em 2008. Essa queda na complexidade reflete sua estratégia de comunicação mais direta e acessível, voltada para as massas. Entretanto, a diversidade lexical se mantém relativamente elevada, com TTR variando entre 0,68 e 0,67, indicando que, apesar da simplicidade estrutural, seus discursos continuavam a trazer muitos temas, especialmente ligados a questões sociais e internacionais.

Dilma Rousseff (2011-2016)

Dilma continua a tendência de Lula e mantém a simplificação retórica. Com uma média de 8,97 palavras por frase em 2012 e 8,08 em 2014. Isso reflete a continuidade na estratégia de comunicação acessível. A diversidade lexical cai levemente em relação a Lula, com TTRs entre 0,63 e 0,64, o que sugere um foco maior em temas específicos, como seus programas sociais e econômicos, durante um período de crescente instabilidade política que culminou em seu impeachment.

Michel Temer (2016-2018)

Com um governo curto, Temer mostra uma leve elevação na complexidade retórica, com 8,65 palavras por frase em 2016, indicando um retorno a uma comunicação mais formal e técnica. Isso, provavelmente, deve-se em resposta às reformas políticas e econômicas que ele conduziu. A diversidade lexical, com um TTR variando de 0,63 a 0,70, indica que se manteve um vocabulário variado, mas com especial atenção às negociações políticas.

Jair Bolsonaro (2019-2022)

O governo Bolsonaro traz, novamente, um estilo de comunicação simplificado, com uma média de 6,02 palavras por frase em 2019. A mais baixa entre todos os presidentes analisados. Talvez seja o reflexo de uma estratégia de comunicação direta e combativa, várias vezes voltada para o público das redes sociais. Em contraponto, sua diversidade lexical é alta. Seu TTR atinge 0,79 em 2020. Isso sugere que há uma variedade de temas abordados, incluindo a pandemia de COVID-19 e questões relacionadas à liberdade individual e à soberania nacional. Temas fortemente discutidos em seu governo. Mas esse aumento da diversidade também sugestiona a necessidade de atingir mais temas de interesse público através das mídias digitais, onde a mensagem precisa ser mais específica para gerar maior capilaridade.

4 CONCLUSÃO

A análise longitudinal sugere que as variações na complexidade retórica não se devem apenas ao estilo pessoal dos presidentes, mas também refletem o contexto político em que os discursos foram proferidos. Governos sob pressão institucional (como Dilma ou Collor), ou em momentos eleitorais (como Lula e Bolsonaro), apresentam picos ou quedas abruptas na legibilidade. Estudos prévios apontam que, diante de momentos críticos, presidentes tendem a ajustar seu discurso para manter apoio popular (Kernell, 1987; Zarefsky, 2004). Embora este estudo não relate diretamente os dados

retóricos a séries temporais de avaliação pública ou ciclos eleitorais, os padrões observados apontam para essa direção e indicam oportunidades para investigações futuras.

As tendências, apontadas em cada governo, mostram que, ao longo das últimas décadas, a retórica presidencial no Brasil simplificou-se e adaptou-se aos contextos sociopolíticos, de mídias, mas manteve uma complexidade temática.

As mudanças na legibilidade e na diversidade lexical observadas nesta pesquisa demonstram uma evolução na retórica dos discursos presidenciais brasileiros entre 1985 e 2022. Observamos uma tendência consistente de simplificação retórica ao longo do tempo, particularmente a partir do governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Essa mudança para discursos mais curtos e acessíveis reflete, em parte, a necessidade de adaptação às novas formas de mídia, especialmente às redes sociais, que demandam uma comunicação mais direta e de rápido consumo (Ott, 2017).

Embora os discursos tenham se tornado mais curtos, com uma média de palavras por frase cada vez menor, a diversidade lexical permaneceu elevada ao longo das décadas. Isso indica que, apesar da simplificação estrutural, os presidentes continuaram a abordar uma ampla gama de temas, abrangendo desde questões econômicas e sociais até a presença do Brasil no cenário internacional. Esse equilíbrio entre simplicidade e complexidade temática sugere que os presidentes ajustaram suas estratégias comunicativas para se alinhar às demandas de um público cada vez mais fragmentado e com menor tempo de atenção, característicos das novas mídias (Enli, 2017).

As variações na retórica presidencial também refletem os contextos políticos e sociais específicos de cada governo. Isso reafirma as hipóteses de Kernell (1987) de que presidentes utilizam ferramentas de narrativa para mobilizar o apoio público em momentos de dificuldade. Momentos como os períodos de crise ou grandes reformas, tais quais os enfrentados nos governos de Fernando Henrique Cardoso, Dilma Rousseff e Jair Bolsonaro. Neles notamos mudanças significativas na retórica, adaptadas para responder às demandas do momento. Essas mudanças ressaltam o papel crucial da comunicação presidencial não apenas como uma ferramenta de disseminação de políticas, mas também como um meio de moldar a percepção pública e legitimar ações políticas (Tulis, 1987; Zarefsky, 2004). A variação, e em observação dos dados temporais, a simplificação do discurso não significa, necessariamente, empobrecimento do discurso. E podemos observar isto na diversidade lexical elevada. Isto, porém indica uma estratégia para ampliar o acesso ao discurso, principalmente na era contemporânea, com grande fragmentação midiática.

Essa evolução retórica mostra que, mesmo diante de novas tecnologias e transformações sociopolíticas, os discursos presidenciais continuam a desempenhar um papel central na comunicação política e na mobilização social no Brasil contemporâneo.

Permanece assim, a relevância em investigar mais a fundo as correlações entre eventos históricos e o estilo retórico adotado pelos presidentes, tanto no Brasil quanto em outros contextos globais, para entender melhor os impactos dessas mudanças na percepção pública e no comportamento eleitoral. Também é relevante outros estudos que confrontem o impacto de novas tecnologias como as IA (Inteligência Artificial) Generativas.

É claro que ao compreendermos as mudanças na retórica presidencial, a análise não apenas contribui para o campo da análise discursiva e da comunicação política, mas também oferece visões valiosas para entender o impacto dessas estratégias retóricas na democracia e na percepção geral da população. A relevância desta pesquisa supera o valor acadêmico, fornecendo uma base, inicial, importante para futuras discussões sobre a forma que líderes moldam sua comunicação em resposta às demandas de um ambiente político e midiático em rápida alteração. Em tempos de populismo, polarização e crescente fragmentação social, entender as estratégias retóricas utilizadas pelos presidentes é nefrágico no entendimento do papel da comunicação no fortalecimento ou enfraquecimento da democracia.

A simplificação crescente da linguagem não é apenas reflexo das transformações no ecossistema midiático, é, além, um sintoma das mudanças no ritual democrático, que se desloca da mediação institucional para a performance individual. Assim, os discursos se tornam mais que falas, ganham ares de atos performativos de autoridade, onde a forma e não o conteúdo, define a eficácia do poder. A retórica acompanha mais que o tempo político, ela o constrói. Compreender essa evolução é uma via de acesso à anatomia da democracia em tempos de hiperexposição, crise de confiança e sobrecarga informacional. Este estudo lança apenas uma pedra inicial nessa direção e aponta para uma agenda crítica que recoloca a linguagem no centro da análise sobre o poder como tecido essencial da política em tempos de rede.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. Retórica. [S.l.]: NIELSEN BOOKDATA, 2011.
- ARTHUR, Damien; WOODS, Joshua. The Contextual Presidency: The Negative Shift in Presidential Immigration Rhetoric. *Presidential Studies Quarterly*, v. 43, n. 3, p. 468–489, 1 set. 2013.
- BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. Notícias em Disputa: mídia, democracia e formação de preferências no Brasil. São Paulo: Contexto, 2017.
- BITZER, Lloyd F. The Rhetorical Situation. *Philosophy & Rhetoric*, v. 25, p. 1–14, 26 ago. 1992.
- CAMPBELL, Karlyn Kohrs; JAMIESON, Kathleen Hall. Presidents Creating the Presidency: Deeds Done in Words. In: 2008. Disponível em: <<https://api.semanticscholar.org/CorpusID:152853942>>
- CÂNDIDO, Ismael Silva. A importância do Ethos no discurso político de José Sarney. São Paulo: PUCSP, 7 out. 2015.
- COHEN, Jeffrey E. Presidential Responsiveness and Public Policy-Making. [S.l.]: University of Michigan Press, 1997.
- ENLI, Gunn. Twitter as arena for the authentic outsider: exploring the social media campaigns of Trump and Clinton in the 2016 US presidential election. *European Journal of Communication*, v. 32, n. 1, p. 50–61, 1 fev. 2017.
- ex-presidentes — Biblioteca. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes>>. Acesso em: 25 ago. 2024.
- FAIRCLOUGH, Norman. Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research. 1 jan. 2003.
- FOUCAULT, Michel. Orders of discourse. *Social Science Information*, v. 10, n. 2, p. 7–30, 1 abr. 1971.
- GONÇALVES, Paschoal; MEIRA, Carla. Kaggle - Discursos dos presidentes brasileiros. Disponível em: <<https://www.kaggle.com/datasets/carlasmeira/discursos-dos-presidentes-brasileiros>>. Acesso em: 25 ago. 2024.
- GUERRERO-SOLÉ, Frederic et al. Social media, context collapse and the future of data-driven populism. *El profesional de la información*, 7 set. 2020.
- GUO, Mengjun. Intertextuality and nationalism discourse: a critical discourse analysis of microblog posts in China. *Asian Journal of Communication*, v. 29, n. 4, p. 328–345, 4 jul. 2019.
- KERNELL, Samuel. Going Public: New Strategies of Presidential Leadership. *Political Science Quarterly*, v. 102, n. 1, p. 143–144, 1 mar. 1987.
- LUQUES, Solange Ugo. Metáfora e argumentação: uma análise crítica do discurso político. São Paulo: Universidade de São Paulo, 14 dez. 2010.

MARTIN, James. Rhetoric, discourse and the hermeneutics of public speech. *Politics*, v. 42, n. 2, p. 170–184, 6 maio 2022.

MATEUS, Samuel. Introdução à retórica no séc. XXI. Introdução à retórica no séc. XXILabCom. IFP, Universidade da Beira Interior, , 2018.

MINOGUE, Kenneth R. *Politica. Uma Brevíssima Introdução*. São Paulo: Zahar, 1998.

MURPHY, John. “Our Mission and Our Moment”: George W. Bush and September 11th. *Rhetoric & Public Affairs*, v. 6, p. 607–632, 1 dez. 2003.

OTT, Brian. The age of Twitter: Donald J. Trump and the politics of debasement. *Critical Studies in Media Communication*, v. 34, p. 59–68, 1 jan. 2017.

RENSTROM, Randall A.; OTTATI, Victor C. “I feel your pain”: The effect of displaying empathy on political candidate evaluation. *Journal of Social and Political Psychology*, v. 8, n. 2, p. 767–787, 3 nov. 2020.

SALOMÃO, Ivan Colangelo. Do Cruzado à moratória: uma análise da heterodoxia econômica da Nova República através dos pronunciamentos do presidente José Sarney. *Locus: Revista de História*, v. 22, n. 1, 24 abr. 2021.

SANTOS, Luiza A. et al. Belief in the Utility of Cross-Partisan Empathy Reduces Partisan Animosity and Facilitates Political Persuasion. *Psychological Science*, v. 33, n. 9, p. 1557–1573, 30 set. 2022.

SORENSEN, Lone. Populist disruption and the fourth age of political communication. *European Journal of Communication*, v. 39, n. 1, p. 71–85, 4 fev. 2024.

TULIS, Jeffrey K. *The Rhetorical Presidency*: New Edition. NED-New ed. [S.l.]: Princeton University Press, 1987. v. 31

VAN DIJK, Teun A. *Discourse as Social Interaction*. Thousand Oaks, CA, US: Sage Publications, Inc, 1997.

WINDT, Theodore. Presidents and protesters: Political rhetoric in the 1960s. [S.l.]: University of Alabama Press, 1990.

ZAREFSKY, David. Presidential Rhetoric and the Power of Definition. *Presidential Studies Quarterly*, v. 34, n. 3, p. 607–619, 26 ago. 2004.

ZHU, Junling. Cultivating critical language awareness: unraveling populism in Trump’s inaugural address. *Semiotica*, v. 2024, n. 259, p. 255–278, 25 set. 2024.

ZISKIN, Mary B. Critical discourse analysis and critical qualitative inquiry: data analysis strategies for enhanced understanding of inference and meaning. *International Journal of Qualitative Studies in Education*, v. 32, n. 6, p. 606–631, 3 jul. 2019.